

A PSICOLOGIA HISTÓRICA DE JEAN-PIERRE VERNANT

*Alfredo Julien,
Doutor em História pela USP e professor do DHI-UFS*

Resumo:

A obra de Jean-Pierre Vernant constitui-se um instrumento valioso para os estudos sobre a Antigüidade Clássica. Um dos principais helenistas da contemporaneidade, contribuiu decisivamente para a reflexão da natureza do pensamento mítico e da emergência da racionalidade grega antiga. Neste artigo abordamos traços de sua trajetória acadêmica e intelectual, discutindo elementos teóricos e metodológicos que marcam sua obra.

Palavras chaves: *razão, mito, religião.*

Abstract:

The works of Jean-pierre Vernant constitute an valuable instrument for the studies about classical antiquity. One of the main Hellenists of our days, he has contributed decisively for the reflection about the mythic thought and the emergence of ancient Greek rationality. In this paper we will deal with some aspects of his academic and intellectual trajectory, discussing theoretic and methodologic elements which mark his work.

Key-words: *reason, mith, religion.*

Vernant nasceu em 1914 e morreu em 2007, aos 93 anos de idade. Teve uma longa vida, quase centenária, na qual desde a juventude engajou-se politicamente, buscando participar das questões sociais e políticas que marcavam sua época. Adolescente, integrou uma organização revolucionária atea com sede em Moscou. Em 1932, entrou para o Partido Comunista Francês, do qual saiu somente em 1970. Durante a II Guerra Mundial foi membro ativo da resistência francesa. Com o fim da Guerra, voltou a lecionar filosofia, disciplina em que havia se graduado para ministrar aulas no sistema escolar francês. Em 1948, passou a integrar o Centro Nacional de Pesquisas Científicas. Em 1958, foi nomeado diretor da VI seção da Escola Prática de Altos Estudos, na qual se associou com Fernand Braudel. Em 1964, fundou seu próprio centro de pesquisas: o Centro de Pesquisas Comparadas Sobre as Sociedades Antigas. De 1975 a 1984, integrou o corpo de professores do *College de France*, sendo o responsável pela cadeira de História Comparada das Religiões Antigas. Militante, Vernant compartilhou os ideais revolucionários de sua época, engajando-se na onda comunista que se espalhou pela Europa após a Revolução Russa 1917. A rica biografia de Vernant e sua participação nas questões políticas e sociais de seu tempo mostram a envergadura e importância de sua obra. Intelectual, professor e pesquisador, ajudou a revolucionar as práticas tradicionais que ditavam as regras no âmbito dos estudos clássicos, inovando na formulação de problemas, objetos de estudos e procedimentos de pesquisas.

Em seu percurso intelectual, absorveu influências das mais variadas correntes de pensamento que marcaram presença no século XX europeu. Podemos notar em seus livros a marca de sua militância, da influência do marxismo, da sociologia durkheimiana e do estruturalismo francês. Particularmente, se deve sublinhar a importância de duas pessoas na sua formação, dois mestres que o orientaram nos inícios de seu percurso acadêmico e que serviram-lhe de modelo: Louis Gernet e Ignace Meyerson. A forma como se refere a eles e as qualidades com que os caracteriza são uma boa maneira de visualizar os modos de atuação com que procurou pautar sua vida acadêmica:

Gernet era um especialista em todos os campos, um mestre em filologia, em ciência do direito, em história social e econômica. Era também um daqueles que entenderam de maneira mais refinada e mais profunda as formas de religiosidade grega. Habitado tanto com debates filosóficos quanto com os dos tribunais, conhecedor das obras dos poetas assim como as dos historiadores ou dos médicos, Gernet podia sempre considerar o homem grego total, respeitando contudo a especificidade dos diversos setores da experiência humana, sua língua e sua lógica própria". (VERNANT, 2002, p.158)

18 Gernet foi um de seus exemplos pesquisador. Vernant considerava perfeito o seu conhecimento sobre os assuntos que o interessavam. Porém, nos diz

Vernant, nele não se podia encontrar nem sombra de pedantismo, pois sua erudição não estava a serviço da autopromoção e da busca de honrarias. Ela era usada apenas como instrumento pelo qual buscava colocar corretamente, e com clareza, as questões propostas por suas pesquisas.

Ignace Meyerson, homem a quem Vernant destinava grande apreço, teve um papel fundamental na formulação dos procedimentos metodológicos do que viria a ser chamado de psicologia histórica na França. Polonês, Meyerson chegou à França em 1905, onde concluiu cursos de medicina e filosofia. Em 1907 entrou para o partido socialista e, na I Guerra Mundial, participou como médico na Legião Francesa. Após a Guerra, desenvolveu trabalhos na área de psicofisiologia, no recém-criado Instituto de Psicologia de Paris. Foi secretário da Sociedade Francesa de Psicologia e do Jornal de Psicologia Normal e Patológica. Após a II Guerra, na qual participou ativamente da Resistência Francesa, integrou o corpo da Escola Prática de Altos Estudos, quando sua atenção voltou-se exclusivamente para a psicologia histórica. O próprio Vernant resumiu a máxima que fundamentava os procedimentos metodológicos que caracterizaram sua psicologia histórica. Segundo ele, Meyerson teria contribuído decisivamente para colocar a psicologia histórica frente ao seu verdadeiro objeto: o homem tal como agiu, experimentou e construiu sua vida, abandonando a posição teórica e formal que até então predominava no campo da psicologia. Nessa perspectiva, o espírito do homem encontrar-se-ia nas suas obras. Suas formas de imaginação, mentalidades e funções psicológicas deveriam ser buscadas naquilo que foi produzido em seus atos culturais. Para Vernant, não existiria, assim, entidades ou práticas sociais que não remetessem para formas determinadas de pensamento e vice-versa. Elas seriam interdependentes. O pensamento, a vida social, política e econômica existiriam em relação de correspondência¹.

Sua percepção de que o homem formava uma totalidade indissolúvel com todos os campos e esferas da organização da vida social levou-o a produzir explicações em que o mental, o social, o econômico, o político e o religioso não formassem compartimento estanques, isolados um dos outros. Para Vernant, o religioso era econômico e vice-versa. As esferas de organização do mundo humano viviam em relação de dependência umas com as outras. Tal perspectiva integradora das realidades humanas, não entendendo as diversas esferas da vida social como entidades estanques, isoladas uma das outras, contribuiu para sua inclinação para a multidisciplinaridade, por meio da qual visava integrar diversos campos do saber com o propósito de buscar sempre

¹ "O espírito está engajado no social, em constante interação, a cada instante e ao mesmo tempo efeito e causa [...] As estruturas sociais não permanecem para ele como formas vazias, não humanas. Existem apenas em função de seus comportamentos, porque as anima com suas representações, com seus sentimentos, com seus desejos [...] A história social é uma obra humana que os homens elaboram com suas paixões, seus interesses e suas representações. Mas, reciprocamente, por meio dessa, os comportamentos humanos se transformam e o homem, por sua vez, elabora a si mesmo [...] **A experiência social e o pensamento social transformam-se reciprocamente**" (VERNANT, 2002, p.148, nosso grifo).

novos caminhos que pudessem recortar seus objetos de estudos de forma a produzir questionamentos múltiplos e variados.

Vernant iniciou suas pesquisas sobre a antigüidade grega buscando reformular as bases sobre quais eram colocadas a questão sobre a emergência do pensamento racional no âmbito da cultura grega antiga. Até então, ela era colocada sobre o signo do “milagre grego”, no qual a irrupção do pensamento racional era vista como manifestação da genialidade, sendo expressão do espírito, de uma capacidade completamente nova que não possuiria pontos de contato com a materialidade religiosa, mítica, pré-lógica que a teria antecedido. A idéia de milagre reforçava a concepção de mudança abrupta que não guardaria relações com as condições sociais, econômicas e políticas. Assim, o milagre grego não seria a contrapartida de condições sociais objetivas, mas um fenômeno vindo de fora das relações sociais concretas. Era a racionalidade grega vista como manifestação de um espírito absoluto, existente fora da história, de suas lutas reais e concretas, que se manifestava pelos homens e não como uma criação sua.

Foi essa explicação a-histórica da irrupção do racionalismo grego que Vernant buscou reformular em seu trabalho “As Origens do Pensamento Grego”, pois para ele a história do espírito não seria uma história puramente individual, nem uma história no ar: ela teria raízes na vida material e social dos homens, excluindo tanto o acaso quanto a predestinação². Segundo Vernant, a racionalidade grega, como se manifestou no período clássico, não poderia ser tomada como obra de um espírito metafísico e a-histórico que existisse fora das relações humanas, mas sim como uma obra humana. Não seria o espírito que faria a história, mas sim os homens que, no processo concreto de suas vidas, moldavam suas formas e condutas, sendo o verdadeiro comportamento do homem o que ele faz como ser social em suas relações com os outros. Assim as “origens” da racionalidade grega deveriam ser buscadas na esfera das relações sociais concretas e não em uma irrupção milagrosa de um espírito a-temporal.

Sua preocupação com a racionalidade grega conduziu-o ao estudo da religiosidade grega e suas formas míticas de expressão. O estudo a respeito das origens do pensamento racional grego levou-o ao encontro do mito e da religião, pois para ele a insurgência das novas formas de pensar, que caracterizariam a Atenas Clássica, não poderiam ser obra do acaso ou da predestinação de um povo que encarnaria um espírito que existiria fora das relações sociais. Assim, o pensamento racional somente poderia ter surgido das bases do

² “Uma sociedade é um sistema de relações entre homens, atividades práticas que se organizam no plano da produção, da troca, do consumo, em primeiro lugar, e depois em todos os outros níveis e em todos os outros setores. E na concretude de sua existência, os homens também se definem pela rede de práticas que os ligam uns aos outros e da qual eles aparecem, em cada momento da história, ao mesmo tempo como autores e como produtos”. (VERNANT, 2002, p.54)

pensamento mítico, caracterizando-se, ao mesmo tempo, por uma relação de continuidade e de ruptura em relação a ele. Esse foi o ponto de partida que o guiou ao *College de France* como especialista em História Comparada das Religiões Antigas.

Como Vernant mesmo apontou, tal trajetória poderia parecer paradoxal para quem iniciou sua carreira como militante comunista, membro de uma associação revolucionária atéia a especialista em História das Religiões. Porém, para ele, o paradoxo residiria muito mais na nossa sensibilidade moderna do que na contradição em si que tal oposição encerraria, pois na Antigüidade Grega não encontraríamos a clara distinção que operamos, modernamente, entre a religião e as outras esferas constituintes da vida cultural do homem.

A esse respeito é ilustrativo seu comentário da tese sobre a noção de trabalho em Platão, seu primeiro trabalho na área de Antigüidade. Vernant observa que, ao iniciá-lo, estava abordando o trabalho como uma categoria psicológica perfeitamente delimitada e constante; porém, levado pela sua pesquisa, chegou à conclusão de que a verdadeira questão seria, no fundo, se os gregos, nas suas formas de pensar e sentir, comungariam conosco a nossa noção de trabalho. A categoria trabalho não poderia ser empregada de modo universal, pois se refere à nossa forma de perceber o mundo e não à dos gregos antigos³.

A questão se encontrava dentro daquilo que Vernant chamou de psicologia histórica: as formas de pensar e de sensibilidade dos gregos antigos eram distintas das nossas, portanto não poderíamos estudá-los a partir de categorias próprias de nosso mundo, tomando-as como se fossem universais. O papel do estudioso dessas sociedades seria assim o de pesquisar suas formas de comportamento dentro de seus próprios quadros mentais, deixando vir à tona as formas de sensibilidade que lhes foram peculiares. É nesse ponto que o papel da religião assume sua importância. No pensamento antigo, o mundo surge perpassado por realidades que hoje classificaríamos como religiosas. A política, a organização social, o trabalho não eram sentidas como realidades autônomas e independentes, mas sim percebidas e sentidas como elementos com forte conotação religiosa. A religião perpassava os diversos setores do mundo grego, e Vernant, seguindo sua trilha, acabou chegando até ela.

No homem, segundo Vernant, tudo seria simbólico, tudo seria significativo e a religião seria a esfera de sua vida em que mais estaria presente esse caráter do pensamento humano. Para ele, o homem constrói sua vida produ-

³ "A verdadeira questão, na verdade, era: existia o que nós chamamos de trabalho, ou seja, um comportamento, uma atitude geral oposta ao lazer, que possui valor econômico, que implica a idéia de que o homem é produtor e que, nessa atividade produtiva, ele estabelece relações sociais com os outros? Nada disso a própria categoria era problemática [...] certamente o homem trabalha, mas não existe o trabalho, existem diversos tipos de trabalho muito diferentes dependendo se são agrícolas, artesanais; e o homem está longe de ter vivido suas atividades de trabalho da mesma forma que nós". (VERNANT, 2002, p. 65)

zindo um mundo cultural repleto de símbolos, cujas significações remetem às mais variadas experiências de seu ser, sendo a religião o aspecto da vida em que a dimensão simbólica estaria mais presente: “A religião, ele nos diz (2002, p.64), consiste em afirmar que, por trás de tudo que se vê, de tudo que se faz, de tudo que se diz, existe outro plano, um além”. Como também nos diz Vernant, a religião é o símbolo em ação.

Vernant buscava abordar as religiões antigas dentro de seus próprios ambientes de significação. Para ele, as religiões antigas não seriam nem menos ricas espiritualmente nem menos complexas e organizadas intelectualmente do que as de hoje. Seriam apenas diferentes. Do paganismo ao mundo contemporâneo, ele nos diz, ter-se-ia modificado o próprio estatuto da religião, seu papel, suas funções, tanto quanto o seu lugar dentro do indivíduo e do grupo. Entre o mundo antigo e o contemporâneo haveria mesmo uma mudança total do universo espiritual e psicológico do indivíduo, o que obrigaria ao pesquisador a tomar muito cuidado ao estudar essas sociedades, para não conduzir suas pesquisas a partir de pressupostos próprios do mundo atual, abstendo-se assim de “cristianizar” a religião que ele estivesse estudando.

O instrumental metodológico presente em seus trabalhos é variado, porém podemos notar a presença, por ele mesmo afirmada, de duas correntes de pensamento importantes: o marxismo e o estruturalismo. Segundo Vernant, o marxismo seria um instrumento indispensável para colocar corretamente questões de história. O estruturalismo, por sua vez, proporcionaria um instrumental metodológico sem o qual sequer seria possível fazer história da religião⁴. Porém, para Vernant, o bom resultado de uma pesquisa sobre os povos antigos não residia apenas na aplicação de métodos criteriosos de análise. Embora considerasse a metodologia sempre importante para o bom equacionamento de uma questão, entendia que ela possuía seus limites. O trabalho de compreensão do universo mental e psicológico dos antigos não poderia ser obtido somente pela aplicação de procedimentos analíticos como se fossem regras prontas para a condução da pesquisa. Para Vernant, além da aplicação de métodos precisos, era necessário também “participar” do texto, aproximando-se dele por uma relação de simpatia. Nesse sentido, ele escreve:

O outro é sempre incompreensível [...] Conhecer o outro é, em um dado momento, fazer uma espécie de aposta, simpatizar repentinamente com ele, procurar captá-lo por meio de

⁴ “Fui profundamente marcado pelo marxismo, no qual mergulhei desde minha adolescência [...] Falo do marxismo de Marx, não desse catecismo revisto e corrigido, às vezes até censurado, ao qual foi reduzido, primeiro para justificar determinada prática política, em seguida para justificar um sistema de Estado burocratizado e de governo autoritário [...] Quanto ao estruturalismo, o termo não me parece menos ambíguo. Se o entendermos no sentido da moda que assolou por algum tempo o meio intelectual parisiense e que levou a expulsar a história do campo das ciências sociais, em proveito de modelos formais, de esquemas abstratos, não me sinto estruturalista. Mas, se levarmos em conta o que os estudos lingüísticos trouxeram de novo [...] direi apenas que não se pode mais fazer história das religiões sem ser, nesse sentido estruturalista. (VERNANT, 2002, P.56)

todas as suas manifestações, seus signos suas condutas, suas confidências [...] Essa é a condição humana, e não é muito diferente quando procuramos entender um texto. Agora que estou mais velho, sinto-me mais livre em relação à forma tradicional dos escritos científicos, dou mais de mim mesmo e procuro passar o que acreditei sentir em mim. Assim, no caso das *Bacantes*, tenho meu Dionísio que talvez não seja exatamente o dos outros, de forma que, em certo sentido, estou presente no que escrevo. (VERNANT, 2002, p. 68)

Assim, encontramos na obra de Vernant, marxismo, estruturalismo, crítica filológica precisa, simpatia para com o outro, rigor científico e sensibilidade romântica. Uma mistura de elementos que para muitos poderia parecer contraditória, mas que em seu pensamento adquiriu a harmonia de uma grande sinfonia. Coisa que somente os grandes maestros sabem fazer. A nós, cabe apenas admirá-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- VERNANT, J-P. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins fontes, 2006
- _____. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins fontes, 2006
- _____. *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- _____. *Mito e Pensamento entre os Gregos: estudos de psicologia histórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. *As Origens do Pensamento Grego*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.
- _____. *O Universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.
- _____. *Entre Mito e Política*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2002.
- _____; VIDAL- NAQUET, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Livraria Duas Cidades 1977.

